

ALFREDO FERREIRA RODRIGUES E UMA NOTÍCIA HISTÓRICA E DESCRITIVA DO RIO GRANDE DO SUL

FRANCISCO DAS NEVES ALVES*

RESUMO

Representando o típico "homem das letras" de seu tempo, o historiador rio-grandino Alfredo Ferreira Rodrigues constitui-se em nome emblemático da produção cultural rio-grandense, dedicando-se à carreira de historiador, colecionou dados e documentos fundamentais à reconstrução histórica rio-grandense-do-sul. Seja por meio de livros, ensaios, artigos de jornais ou no famoso *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, periódico por ele coordenado, Ferreira Rodrigues legou um significativo manancial de informações/interpretações históricas. Recebendo a influência do contexto histórico-historiográfico no qual esteve inserido, Alfredo Ferreira Rodrigues, por sua vez, elaboraria uma série de premissas que influenciaram vários dos discursos historiográficos entabulados no cenário sul-rio-grandense. O objetivo deste trabalho é analisar algumas destas redes de influências presentes no trabalho *Notícia histórica e descritiva do Estado do Rio Grande do Sul*.

PALAVRAS-CHAVE: Rio Grande do Sul, Alfredo Ferreira Rodrigues, história, discursos historiográficos.

Na virada do século XIX para o XX, a figura do historiador era ainda pouco definida no contexto gaúcho. Havia, isto sim, alguns intelectuais que, ligados à cultura como um todo, numa visão bastante generalista, se dedicavam a resgatar alguns episódios do passado nacional, regional e local. Esta intelectualidade estava fortemente atrelada a uma história vinculada, primordialmente, ao levantamento dos fatos, reproduzindo um modelo pelo qual a história é movida pelas individualidades, ou seja, os líderes, os heróis, os mitos que, através de suas ações, moldavam os destinos das comunidades humanas.

Nesta época, os acontecimentos eram os elementos marcantes da construção historiográfica, demarcando-se de forma estritamente

* Professor do Dep. de Biblioteconomia e História – FURG. Doutor em História do Brasil – PUCRS.

cronológica a evolução das sociedades, sem qualquer preocupação com a história-processo. Os trabalhos eram demarcados pela narração descritiva, sem maior espaço, às vezes nenhum, para uma interpretação analítica dos fundamentos históricos das questões abordadas, além do que, as opiniões e posições do autor diante do fato abordado eram praticamente vetadas. Fazer história, nesse momento, significava, acima de tudo, apontar para os episódios do passado, fazendo com que estes servissem como lições para o presente, devendo-se, portanto, seguir os exemplos dados pelos antepassados, mormente no que tange às demonstrações patrióticas e de abnegação diante do valor maior que era a nação.

Esse estilo de fazer história é característico dessa fase dos primórdios da estruturação da figura do historiador, mas iria demarcar profundamente, e por longo tempo, as formas de pesquisar e escrever a história no Rio Grande do Sul. Apesar de seus limites, condicionados pelo contexto histórico e historiográfico de então, a história elaborada em princípios do século XX, na conjuntura rio-grandense, teve um papel significativo para a reconstrução histórica acerca da formação gaúcha, especialmente no que tange ao arrolamento de dados e ao levantamento de fontes, fundamentais para as futuras gerações de historiadores.

Neste quadro, esteve inserida a figura do escritor rio-grandino Alfredo Ferreira Rodrigues (1865-1942). Pesquisador, ensaísta, historiador, cronista, literato, jornalista, biógrafo, tradutor, folclorista, charadista, poeta e professor, Ferreira Rodrigues representou a contento o homem de cultura de seu tempo. Atuando vários anos junto à Livraria Americana, o historiador rio-grandino foi o fundador do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, publicação que se destinava à divulgação cultural, literária e ao entretenimento do público leitor, servindo à difusão da leitura junto à população, bem como foi membro de algumas das mais importantes instituições culturais da época, como a Academia Rio-Grandense de Letras, o Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

O reconhecimento de Alfredo Ferreira Rodrigues como um homem de letras não se limitaria ao Rio Grande do Sul, tendo pertencido também a instituições históricas e geográficas brasileiras, em São Paulo, em Pernambuco, na Bahia, no Ceará, e estrangeiras, como na cidade de Lisboa. A produção histórica de Ferreira Rodrigues foi direcionada mais diretamente ao estudo da história regional, elaborando um grande número de ensaios, artigos e livros versando sobre a formação histórica gaúcha. O norte da carreira do historiador, neste contexto, foi a Revolução Farroupilha, verdadeira paixão que despertava

a admiração e quase a idolatria de Rodrigues para com os homens e os feitos de 1835-1845. Na faina de reconstruir a história rio-grandense, a maior das preocupações de Ferreira Rodrigues esteve ligada à coleta de documentos, os quais procurou, investigou, copiou e colecionou à exaustão, reunindo um acervo significativo para uma melhor compreensão da história rio-grandense-do-sul¹.

A atuação de Alfredo Ferreira Rodrigues se intensificaria entre os últimos anos do século XIX e os primeiros da centúria seguinte. Neste contexto, ele escreveu sobre os mais variados temas, com a preponderância para a história gaúcha. Um destes trabalhos veio a público em 1896, e chamava-se *Notícia histórica e descritiva do Estado do Rio Grande do Sul*², no qual o autor buscava dar um enfoque mais direcionado à estatística, à história e à geografia sul-rio-grandenses. De acordo com o caráter "descritivo" que o escritor intentava dar ao livreto, o texto aparece subdividido em rubricas, cada qual com algumas asserções explicativas. Assim, são apresentados como subcapítulos a situação geográfica, os limites, a linha divisória, a configuração, a extensão, a superfície, os territórios anexados, a história, o governo, a justiça, a religião, a instrução, a "civilização", o "caráter" e a "índole" do povo, as línguas, o clima, as estações, a população, a imigração, as raças, a

¹ Texto introdutório elaborado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Documentos de um historiador rio-grandino: a Coleção Alfredo Ferreira Rodrigues no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (levantamento parcial de fontes). In: ALVES, F. N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 11-14; ALVES, Francisco das Neves. Alfredo Ferreira Rodrigues e a "paz honrosa" de 1845. In: ALVES, F. N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 47-58; ALVES, Francisco das Neves. O primeiro patrono da Feira do Livro da FURG. In: ALVES, F. N. (org.). *Feira do Livro da FURG*: 30 edições a serviço da cultura. Rio Grande: Ed. da FURG, 2003. p. 23-57; e ALVES, Francisco das Neves. A gênese do mito da Revolução Farroupilha: a construção discursiva de um historiador rio-grandense. In: *Anais da XXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Curitiba: SBPH, 2002. p. 287-294. Ainda a respeito de Alfredo Ferreira Rodrigues, ver: LISBOA, Cátia Rejane Machado. Alfredo Ferreira Rodrigues: o historiador e a Revolução Farroupilha. In: ALVES, F. N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 35-46; MARIANTE, Hélio Moro. *Alfredo Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982; MARIANTE, Hélio Moro. Perfil de Alfredo Ferreira Rodrigues. In: RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Vultos e fatos da Revolução Farroupilha*. Brasília: Imprensa Nacional, 1990. p. 14; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 495-497; VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*: autores. Porto Alegre: "A Nação"/Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 432-436; e ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Inventário da Coleção Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de Publicações e Concursos, 1985.

² RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Notícia histórica e descritiva do Estado do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Livraria Americana, 1896. Doravante, todas as citações são referentes à citada obra.

criação de gado, a agricultura e a indústria.

As referências à formação histórica rio-grandense se localizam mais especificamente em alguns dos tópicos destacados por Ferreira Rodrigues, caso de "territórios anexados", rubrica na qual o autor citava as motivações estratégicas que demarcaram a gênese da ocupação das terras gaúchas, explicando que a primitiva ocupação do Rio Grande do Sul pelos portugueses limitou-se ao litoral, onde se estabeleceram postos militares para resistir às contínuas incursões dos espanhóis, e só mais tarde o processo de colonização se estenderia paulatinamente para o interior. O escritor rio-grandino fez referência, ainda, aos tratados de Madri, El Pardo e Santo Ildefonso, bem como à invasão espanhola, à guerra de 1801, com a incorporação das Missões e à anexação e perda da Província Cisplatina, até a delimitação estabelecida com o Uruguai, em 1851, acerca dos limites extremo-meridionais brasileiros, como momentos cruciais para a formação do território rio-grandense-do-sul.

Ao abordar especificamente a história gaúcha, Rodrigues deteve maior atenção no enfoque político-administrativo e militar da formação rio-grandense. Destacou o autor que o território gaúcho não chegou a estar incluso na divisão administrativa em capitanias do período colonial, de modo que, nas primeiras concessões de terras, a corte de Lisboa "não compreendeu os territórios do Rio Grande". Segundo o historiador, as costas gaúchas custaram mais a ser avistadas pelos exploradores europeus, já que eram "em extremo baixas", dificilmente distinguindo-se do alto-mar, somando-se o fato de que "a constante rebentação trazia sempre os navegantes afastados dela". Como marcos da evolução histórica rio-grandense à época colonial, Ferreira Rodrigues destacava a formação dos Sete Povos das Missões, apontando para o "famoso governo teocrático dos jesuítas na América", a fundação da Colônia do Sacramento, a criação do povoado do Rio Grande, a Guerra Guaranítica, a invasão espanhola e o movimento da reconquista e a campanha das Missões.

Uma das principais abordagens de Alfredo Ferreira Rodrigues esteve vinculada ao "caráter guerreiro" na formação da população rio-grandense. Além dos já citados movimentos bélicos, o autor explicava que não era dado "ao Rio Grande gozar por muito tempo de paz", referindo-se às campanhas de 1811-1812 e 1816-1820, no Estado Oriental, lutas que "obrigaram" o Rio Grande do Sul a "constantes sacrifícios". Este destaque a um grande contingente de rio-grandenses nos exércitos brasileiros, revelando o "esforço" humano e material dos gaúchos na sustentação dos conflitos platinos, já anunciava o engajamento que o autor teria ao explicar os fatores promotores da Revolução Farroupilha, ou seja os "sacrifícios" dos sul-rio-grandenses

pela "causa" brasileira. Rodrigues destacou, ainda, que a independência contou com a "imediate adesão" dos rio-grandenses ao "movimento nacional", tendo, em seguida, de envolver-se em mais um confronto bélico no Prata, com a guerra que levaria à emancipação do Uruguai.

A Revolução Farroupilha, movimento que contava com a mais ampla admiração de Alfredo Ferreira, constituindo-se em ponto de fixação e atenção máxima na coleta de documentos e de informações e na elaboração de textos, também ocupou espaço significativo na rubrica "história" da *Notícia histórica e descritiva*. Após a guerra contra as Províncias Unidas do Rio da Prata, o autor explicava que, mais uma vez, não fora duradoura a paz, destacando que, em setembro de 1835, rebentara na província a revolução contra o presidente Fernandes Braga, que, "por sua violência, se incompatibilizara com o espírito liberal da população". Quanto a este evento, é digna de atenção a forma de abordagem do escritor, o qual incorporava o "espírito" das lideranças revolucionárias, as quais defendiam o "direito à revolução dos povos", ou seja, o direito de lutar contra os maus governantes; além disto, Rodrigues já apresentava outras de suas idéias quanto ao caráter moderado do movimento farroupilha, sem dar maior ênfase à ruptura institucional. Finalmente, o historiador também assumia a "fala" dos líderes rebeldes ao explicar que a administração emanada do governo central não estava de acordo com o "espírito liberal" da população rio-grandense, quando, em verdade, os insatisfeitos eram os representantes da elite gaúcha, os quais, por sua vez, metabolizaram os preceitos liberais, adaptando-os e transformando-os, de acordo com as suas conveniências.

Rodrigues sustentava também que os farrapos só intensificaram a revolta, como uma "última alternativa", tendo em vista o incremento à pressão promovida pelo governo central. De acordo com ele, "o governo, em vez de conciliar os ânimos, procurou sufocar o movimento pela força", atitude que viria a "provocar terrível reação no Rio Grande, causando a guerra civil". A narração de Alfredo Ferreira sobre a Revolução de 1835-1845 concentrou-se no destaque às atitudes individuais dos líderes revolucionários, com ênfase para Bento Gonçalves – figura de enorme admiração de parte do autor, dedicando-lhe, ao longo de sua carreira, uma série de estudos. Algumas das campanhas militares no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina foram abordadas pelo escritor, culminando com a assinatura da pacificação, em Ponche Verde, sustentando o historiador a premissa da "paz honrosa", uma vez que obtiveram os revolucionários "as mais honrosas condições" para concordar com o fim do conflito. Quanto a este aspecto, Rodrigues não fez qualquer menção ao fato de que o espírito de

conciliação que desencadeou a paz no Rio Grande do Sul não serviu para contemplar qualquer das reivindicações estruturais movidas pelos rio-grandenses, sendo atendidos, isto sim, em exigências circunstanciais, mormente aquelas ligadas às necessidades de reconstrução da província.

Terminada a guerra civil, o autor continuava apontando para os demais conflitos externos nos quais o Brasil envolveu-se, destacando a campanha contra Oribe e Rosas, afirmando que, na mesma, o "Rio Grande contribuiu com numeroso contingente de tropas"; e a "guerra provocada pelo governo do Paraguai", numa "luta sustentada com enormes sacrifícios em país longínquo, totalmente desconhecido, de clima mortífero", e na qual, mais uma vez, "o Rio Grande, de todas as províncias do Império, foi a que contribuiu com o maior número de combatentes". Ao destacar a importância da participação gaúcha nas diversas questões platinas, Rodrigues não chegou a referir-se à circunstância de que, muitas vezes, foram os próprios interesses da aristocracia rio-grandense que levaram à deflagração destas guerras, mormente as seguidas intervenções no território oriental. Deixando de lado este jogo de interesses, o escritor preferia chamar atenção para a "profissão de fé patriótica" dos sul-rio-grandenses em nome da nação brasileira.

O período de paz que se seguiu à Farroupilha, correspondendo à fase de estabilidade político-econômica nacional, foi apontado por Ferreira Rodrigues como fundamental para o Rio Grande do Sul, o qual, nesta época, tornou-se "uma das províncias mais ricas, mais prósperas e de maior movimento intelectual do império". Sobre a transição da Monarquia para a República e o complexo quadro político-partidário sul-rio-grandense, culminando com a deflagração de mais uma guerra civil – esta muitas vezes esquecida pela historiografia oficial –, Rodrigues buscava manter uma certa imparcialidade diante dos espíritos ainda bastante acirrados no momento da publicação de seu livreto. Em favor dos castilhistas, o autor buscava explicar que a forma republicana "veio encontrar os ânimos favoravelmente predispostos", pois "em parte alguma do Brasil se havia feito tão grande propaganda pela república como no Rio Grande". Neste sentido, Rodrigues não se referia ao caráter tardio do movimento republicano gaúcho, nem ao fato de que este optara por um viés político radical e exclusivista, sem consonância com o espírito razoavelmente conciliatório que reinou em outras regiões do Brasil. Já a respeito dos rebeldes, o escritor explanava que "os revolucionários resistiram denodadamente dois anos e meio às forças estaduais e federais concentradas no Rio Grande". Isentando-se de fazer qualquer juízo quanto a méritos ou culpas, diante do conturbado

período recentemente vivido no Rio Grande do Sul, Alfredo Ferreira limitou-se a narrar alguns dos acontecimentos militares desencadeados durante o conflito, sem apontar vencidos ou vencedores e, muito menos, para o conteúdo de violência marcante durante a Revolução Federalista.

Nesta linha, a nova guerra civil na qual se envolvera o Rio Grande do Sul entre 1893 e 1895 era encarada pelo autor como mais um dos eventos que caracterizavam a vida militarizada dos rio-grandenses-do-sul. Sem analisar que grupo seria detentor da razão, Rodrigues explicava que "infelizmente", a república não trouxera a paz, uma vez que "a dissensão dos antigos partidos e a pouca tolerância dos governos, que se sucediam uns aos outros com intervalos de poucos meses, desorganizaram todos os serviços administrativos, excitando, em extremo, os ânimos". Apesar de não tomar partido diante dos fatos, de certo modo Alfredo Ferreira não seguia nem o oficialismo – pelo qual prevalecia a visão dos vencedores – nem o partidarismo – que defendia abertamente a posição de um ou de outro dos lados em conflito –, condenando a guerra, mas buscando não apontar diretamente um dos grupos beligerantes como único responsável pela deflagração da luta. Ao invés de adotar uma posição diante do confronto, Rodrigues optou por destacar os malefícios que a guerra civil trouxera ao Rio Grande do Sul³.

Ainda que não se deixasse levar totalmente pelo oficialismo predominante nas construções historiográficas de então, Ferreira Rodrigues, ao referir-se à rubrica "governo", demonstrou uma certa aceitação do *status quo* político de então, apontando como característica normal a concentração de poderes nas mãos do presidente do Estado, atuando com funções tanto executivas quanto legislativas, restando apenas o caráter de análise orçamentária à Assembléia de Representantes, bem como a influência exercida por aquela autoridade junto do Poder Judiciário, apesar de ser este apontado como "independente e autônomo". Neste sentido, não foi intento de Rodrigues tecer qualquer tipo de crítica ao modelo político-administrativo, bem como ao aparelho eleitoral, burocrático e militar entabulado pelo governo no sentido de garantir a perpetuação dos castilhistas no poder. As circunstâncias políticas, junto ao caráter

³ Já sob a rubrica "criação de gados", o autor narrava que "a última guerra civil, de 1893 a 1895, arrasou quase por completo as estâncias, sobretudo na fronteira do sul, não só com o extermínio bárbaro dos gados, como também com a destruição das cercas de arame (*alambrados*), para dar passagem às forças em operações e para fazer lenha. Há hoje léguas e léguas de campo que estão imprestáveis, pois não há uma cerca em pé. Muitos estancieros arruinados não têm como restabelecê-las, nem como reparar seus campos, completamente desertos".

autoritário-repressivo que marcava as práticas das autoridades públicas de então, não deixavam maior espaço para reflexões que porventura viessem a questionar o regime então vigente. Ainda assim, o escritor rio-grandino não se furtou a estabelecer uma forte censura ao abordar a estrutura educacional do Rio Grande do Sul da época, considerando-a extremamente carente e insuficiente⁴.

Como um ardoroso defensor da propagação cultural e do aprimoramento das letras no estado, Rodrigues considerava fundamentalmente necessário que a instrução se espraiasse pelo território gaúcho, julgando que estava "pouco espalhada". Já no que tange ao ensino secundário, o autor opinava que estava mais organizado, "sem ter, contudo chegado a um grau notável de desenvolvimento", destacando algumas das escolas existentes nas principais cidades gaúchas de então. Ainda no que diz respeito à cultura, Alfredo Ferreira também fez questão de chamar atenção para as "numerosas bibliotecas de sociedades particulares" presentes no Rio Grande do Sul, apontando para a de Porto Alegre, com mais de sete mil volumes, a de Pelotas, com cerca de doze mil e "um riquíssimo edifício próprio", e a da cidade do Rio Grande, com "perto" de quatorze mil volumes. Concluindo suas apreciações sobre o ensino, o historiador suavizava suas críticas, afirmando que, "apesar de não estar difundida no estado a instrução popular", o rio-grandense não poderia ser considerado "um povo atrasado", havendo, isto sim, segundo a sua concepção, "uma distribuição muito desigual de instrução".

No item "civilização, caráter e índole do povo", Ferreira Rodrigues fez várias incursões aos hábitos, usos e costumes dos sul-rio-grandenses, os quais, pela constante reprodução, viriam a ser cristalizados como típicos do "gaúcho" rio-grandense – diferente do

⁴ Alfredo Ferreira Rodrigues, acerca da educação no Rio Grande do Sul, afirmava: "Tomando a população do recenseamento de 1890, há uma escola para cerca de 1.400 habitantes, o que é muito pouco. Acresce que a freqüência da maioria delas é diminuta e muito irregular. O ensino está mal organizado e nem mesmo nas três cidades principais há uma escola pública que preencha devidamente os seus fins. Cada escola tem apenas um professor e este, por mais que se esforce, dificilmente poderá ensinar alguma coisa a 50, 80 ou 100 crianças, na impossibilidade de dividir o tempo para atender a todas as classes. Não há escolas de diversos graus, de modo que os alunos de um professor passem no ano seguinte para um curso mais elevado de professor diferente. Na mesma aula, se aprende tudo e todos os anos. Deste modo, sem subdivisão do ensino, os resultados obtidos são pouco lisonjeiros. É desanimadora a porcentagem de analfabetos fornecida pela estatística de 1890, ainda mesmo nas localidades em que ela é menor. A média é de 72,06% para todo o estado, porém há localidades em que essa proporção chega aos números quase inacreditáveis de 84, 85 e 86%. (...) A maior parte dos mestres-escola das pequenas localidades não tiveram curso algum, são simplesmente contratados e de habilitações às vezes muito mediocres".

gaucho platino –, transformando-se em verdadeiros conceitos utilizados pela historiografia oficial, bem como pelos movimentos de cunho regionalista/tradicionalista. Um destes conceitos está vinculado à visão do gaúcho como o *centauro dos pampas*, ou seja, o homem de coragem e arrojo na defesa das fronteiras brasileiras. Segundo o autor, o cavalo, para o rio-grandense, mais do que necessário, era indispensável, pois, "em sua vida quase nômade, de estância em estância, estava obrigado a percorrer enormes distâncias em lugares quase despovoados", de modo que o "*campeiro*, privado do cavalo, ficaria sem meios de ação". Rodrigues chamava atenção para a "agilidade extraordinária", o "garbo sem igual", a "audácia incrível" e a "resistência a toda prova" do "cavalariano rio-grandense", o qual fazia "proezas" que espantavam, não havendo "cavalo por mais indomável que lhe resista", sendo "em pouco tempo subjugado", entregando-se vencido, depois do que o *gaúcho* fazia dele o que queria.

Ainda a este respeito, Alfredo Ferreira Rodrigues destacava que "o manejo constante do cavalo" fazia dos gaúchos "verdadeiros centauros". Apontava o autor também para mais alguns daqueles conceitos, ao chamar atenção para a "hospitalidade", a "honestidade" e a "força" do gaúcho, afirmando que "o rio-grandense, sobretudo o da campanha, que representa o verdadeiro tipo nacional", era "franco, leal, hospitaleiro em extremo, afável, frugal, atilado, valente e robusto". Ainda sobre os habitantes do Rio Grande do Sul, destacava que os *campeiros* eram "homens de uma construção excepcional", "afeitos aos mais rudes labores" e "capazes dos maiores excessos, como se fossem a coisa mais natural do mundo". Dava ênfase também para a "proverbial frugalidade" dos gaúchos, bastando "para a sua alimentação um pouco de mate e um *churrasco*". O caráter militarista da formação histórica rio-grandense era mais uma vez abordado em suas conseqüências para a construção da sociedade gaúcha, explicando o escritor que "nas suas lutas civis e nas guerras com o estrangeiro, o rio-grandense revelou-se sempre soldado valente e sofredor de todas as privações e fadigas". Uma nota dissonante neste quadro de "galhardia" pintado acerca dos rio-grandenses-do-sul era a violência empregada por alguns deles. Ainda que não fizesse uma referência direta aos recentes acontecimentos durante a Revolução Federalista, torna-se observável que Ferreira Rodrigues estava influenciado pelos fatos recém-desencadeados, ainda assim revelava um espírito até certo ponto elitista, ao buscar esclarecer que as violências praticadas no Rio Grande do Sul teriam advindo de classes sociais mais subalternas⁵.

⁵ Sobre este aspecto, o escritor rio-grandino explanava que "a nota discordante das belas

Ferreira Rodrigues buscou descrever também a indumentária que seria a "típica" dos gaúchos, referindo-se às bombachas, ao poncho, ao pala, ao lenço e ao chapéu, bem como aos utensílios como a espora, os arreios, as armas, o laço e as *bolas*. Sobre as línguas praticadas no sul, destacava aquelas faladas nas zonas de colonização, mas explicava o predomínio da língua portuguesa, sobre a qual considerava que estava "sensivelmente modificada pela influência do clima, que suavizou a pronúncia e pela proximidade e trato constante com as repúblicas espanholas do Rio da Prata", do que teria resultado "um vocabulário especial e riquíssimo". Concluía o autor que o "rio-grandense falava um quase dialeto, em muitos pontos ininteligível para os filhos dos outros estados e para o português", conjeturando, ainda, que fosse "talvez em todo o Brasil o Rio Grande o estado em que a língua se modificou mais profundamente", tendendo "a modificar-se mais", refletindo-se nesta impressão o exacerbado federalismo então predominante, bem como a compreensão do escritor para algumas das singularidades que marcavam historicamente a vida rio-grandense.

Sobre a sociedade gaúcha, Rodrigues fez ainda referência à evolução demográfica e à distribuição da população – embora não reconhecesse os levantamentos censitários de então como confiáveis⁶ –, bem como à imigração e às "raças" existentes no estado, apontando para o predomínio dos "caucasianos", uma vez que o "elemento africano" e os índios teriam quase desaparecido do cenário populacional

qualidades do *gaúcho* é o espírito sanguinário, infelizmente comum no interior em certas classes. Acostumados a lidar com o boi desde pequenos, a ver correr com indiferença o sangue nos enormes matadouros das charqueadas, com facilidade endurecem-se os corações. Daí à prática do homicídio, muitas vezes, pouca distância vai. Em todas as guerras civis, esse espírito sanguinário, incitado pelo ódio de partido e mais ainda pela sede de vingança, mais se acentuou, dando lugar a horrores sem nome, a barbaridade de toda a sorte, que tocam as raias da selvageria. Para honra dos *gaúchos*, esses fatos são exceções, pois que a maioria da população repele tais excessos, infelizmente conseqüências naturais do meio, porém não vício da educação e muito menos da índole do povo".

⁶ Acerca dos censos da época, o autor afirmava: "Não se pode fazer um cômputo exato da população do Rio Grande. Os recenseamentos feitos com largos intervalos não inspiram confiança, quer pelo modo irregular por que foram feitos, quer pela relutância do povo em prestar informações precisas. Além disso, a apuração total ressentia-se dos mesmos vícios. Leva anos a fazer e, quando se chega a saber o resultado, já há uma diferença enorme". A respeito do último censo efetuado, em 1890, explicava que seu resultado "está muito longe da verdade, pelas irregularidades que se deram no recenseamento. Nas cidades, houve quarteirões inteiros em que não foram distribuídas ou recolhidas as listas. No campo, ainda maiores foram as lacunas. Em lugares onde as casas distavam léguas e léguas umas das outras, os encarregados do serviço não se deram ao trabalho de percorrer tão dilatadas distâncias, calculando o número de moradores por estimativa ou suprimindo-o por completo".

rio-grandense. Quanto a estes dados sociais, bem como em relação ao clima e às estações do ano e mormente no que tange aos aspectos econômicos, como à pecuária, agricultura e indústria, Alfredo Ferreira apresentava certas sugestões quanto a possibilidades de melhorias e diversificações na produção, e também arrolava relevantes dados numéricos, os quais significam um importante manancial de informações sobre a sociedade sul-rio-grandense de então em variados elementos constitutivos de suas vivências.

Assim, ao publicar sua *Notícia histórica e descritiva do Estado do Rio Grande do Sul*, Alfredo Ferreira Rodrigues apresentava alguns dos dados obtidos a partir de copiosa pesquisa realizada em arquivos e bibliotecas, bem como através de uma verdadeira teia de inter-relações montada pelo autor a partir de um grande número de correspondências travadas com os mais longínquos pontos de todo o estado – bem como em diversos lugares do Brasil e do exterior. Além do significado das informações apresentadas, fundamentais às pesquisas sobre o Rio Grande do Sul da virada do século XIX para o XX, Ferreira Rodrigues trazia a público algumas de suas idéias sobre a formação histórica e social sul-rio-grandense, que em muitos pontos marcariam a produção historiográfica entabulada nos anos seguintes. Mitos, heróis e conceitos estabelecidos sobre o "povo" e a "terra" rio-grandenses, aprofundados ao longo da profícua obra do historiador, já estão presentes na *Notícia histórica e descritiva* – apesar do caráter essencialmente informativo anunciado para a obra –, vindo a tornar-se influências indeléveis nos discursos futuramente emitidos no cenário historiográfico rio-grandense-do-sul.